

## CONEXÕES ORTEGUIANAS

Por José Paulo Teixeira, PPA.

### UM PASSEIO FILOSÓFICO APENAS

Neste ensaio - neste nosso encontro -, farei um breve passeio pelas conexões constituintes da filosofia de José Ortega y Gasset. Quero destacar quatro categorias axiais nos estudos orteguianos e tecer alguns vínculos entre essas categorias e os espaços-tempos de vida adentro e mundo afora, do conceito de Vida como experiência vital, única e inalienável.

Por *experiência vital*, sempre singular e plural, como veremos, refiro-me às mudanças que acontecem num mesmo agente ou ser humano, quando, na passagem de um tempo-espço a outro, nota-se mudanças de tonalidades afetivas, de sentidos e devires, que tornam um humano num 'animal' vivo, surpreendente. Os ritmos, as performances, até mesmo batimentos vitais, se alteram a cada mudança ou deslocamento, pelo menos em quatro níveis ou planos de realidade, quais sejam: somos um Outro Si Mesmo - OSM - como Pessoa, como Indivíduo, como Autor e como Personagem da história de Nossas Vidas.

Em termos de vida humana - e é disso que se trata - da Vida como "a minha vida", "a vida de cada um" - somos quatro em um, únicos plurais nós mesmos portadores e fazedores de Vidas.

As categorias que escolhi nesta primeira série das Orteguianas são conceituais e intercruzadas pela *Vida* e *Aventura*, numa primeira dobra; e as categorias de *Vocação* e *Futurição*, na outra, cada qual inscrita e estanciada nas circunstâncias atuais, ou seja, 100 anos depois de terem sido escritas.

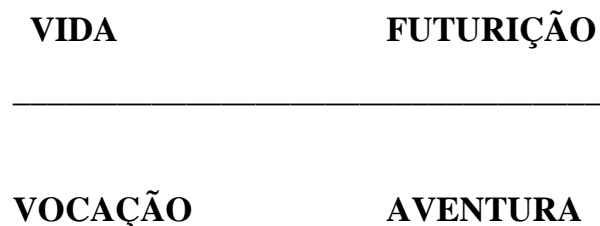
Junto com elas, outras categorias essenciais de Ortega - como as de Encontro, Acontecimento, Preocupação, Esforço, Inteligência, Amor e Liberdade - serão apresentadas ou recitadas, ao longo desses escritos.

Cada categoria foi organizada por leituras cruzadas e aproximações de conceitos e imagens que as configuram e as moldam, a cada vez, por uma nova teia do pensamento em série, enriquecendo-se na medida em que a pesquisa se desenvolvia e se desenvolve, e novas conexões aparecem.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver nota final

**Figura 1**



## PLANO DE AULA

Como vimos no primeiro módulo do curso de **Introdução aos Filósofos Inovadores - Uma composição**, busca-se criar e produzir, destinar e disseminar um estilo poético e pedagógico de fazer filosofia e de comunicá-la.

Os autores lidos e estudados em nosso programa, em suas escritas e as suas leituras que fazemos, orientam-se nesta mesma direção, tonalidade e ritmo, em progressiva exigência filosófica em relação aos seus pensamentos, na criação e desenvolvimento da sua composição.

Pontuar os três imperativos autorais e filosóficos que marcam esta nossa introdução; e seus desdobramentos possíveis:

EM SLOTERDIJK

*Você precisa mudar a sua vida!*

EM ORTEGA

*Você precisa fazer o teu projeto de vida!*

EM FLUSSER

*Você precisa conversar com a tua máquina!*

## [Uma nota inicial]

Isso que chamo de filosofia *com* e *como* poesia, ou de uma *poética da razão poética*, remete o pensamento a dois exercícios filosóficos e artísticos: ao cálculo poético (que aqui é distinto do cálculo matemático) e ao sentido da proporção, moldura ou arquitetura do pensamento. O primeiro diz a sua genealogia e, o segundo, a sua arquitetura, isto é, a aurora autoral ou desenho do pensamento que a Composição ensaia e projeta.

O designer, o estilo, a inteligibilidade, o desenho do pensamento são aqui traduzidos pelas cifras da composição. Todo projeto de poética de interiores, corresponde ao empreendimento filosófico que dele se irrompe, ou brota.

Não se reduz, portanto, a uma ciência ou especialidade, mas a vida inteira, toda a vida investida, vocacionada e apresentada como busca. O representa muito pouco diante da grandiosidade da obra que se cria e/ou se endereça para os públicos nomeadamente distintos: o leitor estudioso, o professor do pensamento, o pesquisador da razão vital, o profissional vocacionado.

## O QUE SE BUSCA?

Todos chegamos atrasados nas leituras de Ortega. Mas considero isso um atraso bom. Chegamos até Ortega digamos um tanto diferentes daquele Ortega que foi apresentado na primeira leva de seus leitores, sobretudo entre os mais apressados com as “novidades” de seus escritos filosóficos, educacionais, políticos e éticos.

Pois Ortega não deve ser lido como uma “novidade” e muito menos como um “doutrinador”, mas antes como um escritor filosófico vital, ético, poético, inovador. Ele de fato tornou-se um dos mais relevantes pensadores de nossos tempos, graças a alguns estudiosos que nos salvaram Ortega dele mesmo e o colocaram à altura do seu tempo, que em parte, também é o nosso.

Entre os primeiros orteguianos, que estão dentro ou fora da chamada Escola de Madrid, devem ser destacados, esses excelentes precursores das Orteguianas, Julián Marias e María Zambrano, para quem dedicarei um curso brevemente, pois sinto com ela uma forte inspiração nestes estudos de Ortega. Mas em língua portuguesa, temos alguns estudiosos de Ortega que merecem essa referência, como a professora Margarida Isaura Almeida Amoedo, da Universidade de Évora. Foi ela que me

aproximou dos estudos orteguianos e presto esta homenagem de coração, e todos que, no Brasil, estudam seriamente Ortega.

A filosofia de Ortega clama novas leituras e novos leitores. Pois, tal como aconteceu com Nietzsche, o campo conservador e reacionário, de doutrinadores fascistas, antirepublicanos, monarquistas e antidemocráticos dominam os estudos orteguianos. No Brasil, os usos políticos e doutrinários, ideológicos e moralizadores de suas principais teses filosóficas e categorias - em nome da Vida, do amor, da Liberdade, da Autenticidade - confundem as pessoas e geram um reação conservadora em massa entre os opinares e usuários de Ortega.

Mas sabemos que quase todos os grandes pensadores livres, os que não indexaram seus pensamentos e suas biografias nas ortodoxias dominantes - sobretudo dos meios acadêmicos e políticos e intelectuais - tiveram “seguidores” que usaram as suas teses para fins diferentes das motivações e endereçamentos autorais e filosóficos originais. Não quero com isso dizer que tais filósofos sejam “inocentes” ou perfeitos, que concordemos com todas as suas posições. Apenas para dizer como já o disse Sloterdijk, de Nietzsche, sobre esses caras que, de certa forma, “cavaram” para si esses “tipos” de comentadores e usuários vulgares e seguidores terríveis. Mesmo Marx e o marxismo instituído, temos de lidar com essa situação. Aconteceu com Nietzsche e acontece com Ortega. Trato um pouco mais desses “usos” e “tipos” de usuários quando faço e comento as Conexões orteguianas - Uma leitura brasileira, subitem 3 das Orteguianas.

O fato de estarmos lendo Ortega 100 anos depois diz algo que não pode ser ignorado nem minimizado. Também podemos destacar que estamos lendo Nietzsche, e cada vez mais, 200 anos depois! E estamos lendo Spinoza quase 400 anos depois! Não poderei me estender sobre estes ‘fatos’ tão relevantes, mas quero deixá-los em destaque e guardá-los para uma próxima vez.

Por que alguns filósofos permanecem por décadas ou séculos após suas mortes e continuam tão *atuais*? Por hora devo dizer apenas: são autores seminais, únicos, originais pensadores que se tornaram clássicos ou, como se diz, os nossos contemporâneos imortais. Clássicos contemporâneos, eis o que são esses inovadores: filósofos e poetas da futuridade, eis como os situo nesta nossa constelação filosófica. Ou seriam eles extemporâneos aos tempos que foram os deles e continuam extemporâneos, como sempre o foram, desde que aportaram em nossas terras e tempos?

Devemos desde logo marcar a diferença entre *novidade* e *inovação* em um grande pensador. Inovação supõe uma leitura ou tradução com base na **aurora autoral** que se mantém na **tradição** - e isso apenas

um jogo de palavras, mas um jogo de pensamentos que busca retornar aos conceitos originais cujas categorias permanecem vivas por gerações e gerações.

Essa originalidade e futuridade autoral não deve ser confundida, portanto, com fixação da novidade, “cronologicamente” substituída por outra mais recente, que prevaleceria. Nosso método faz a etimologia dos usos e, portanto, é prospectivo e perspectivo.

Uma inovação não é um sucessão no tempo, mas um retorno ao modo original do pensador. Enquanto a novidade supõe um ponto fixo no tempo apressado, o "novo" da inovação implica uma tradição enriquecida em sua futurição. Particularmente em Ortega, e em alguns dos seus discípulos e leitores mais diletos e completos, os tempos cronológicos ou físicos não coincidem com os tempos aiônicos ou vitais.

Onde está ou “mora” o detalhe? Nisso que dizemos ser a tradição, a ideia de tempo-espaço como históricos e vital, ou seja, renasce a cada vez que é vivido e não apenas marcado como fato ou evento de passagem. Pois o tempo linear, que chamo tempo físico, conológico, encarrega-se de dar ao tempo a velocidade e a facilidade, não em direção ao futuro, mas sempre de volta ao passado.

É o que acontece com as “sociedades” humanas, conservam-se no passado e lidam muito mal com o seu futuro. O tempo linear é tão fácil de aparecer quanto desaparecer, pois uma novidade logo é suplantada pela outra. Um tempo marcado por fatos e não por acontecimentos, tal não acontece com a inovação vital.<sup>2</sup>

Como Nietzsche e Spinoza, não são estes meros filósofos, mas, antes, acontecimentos filosóficos. Cada um deles, nos seus tempo-espaço muito singulares, não fizeram filosofia apenas. Eles mudaram a história e a motivação de fazer e continuarmos fazendo filosofia. Não como teoria, mas como Vida, como Composia!

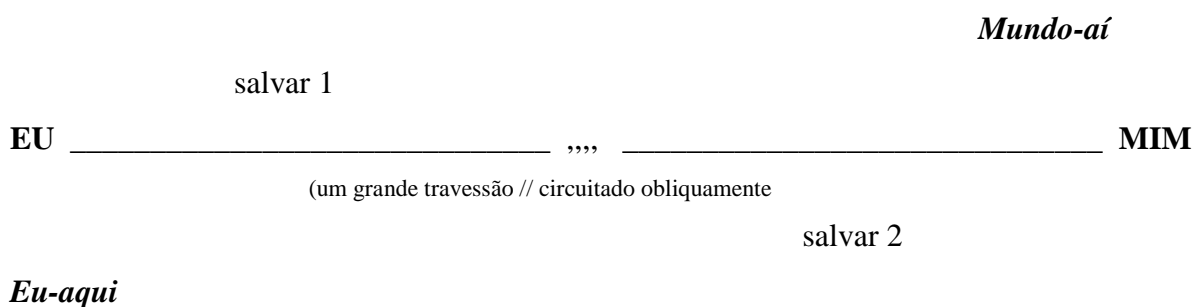
---

<sup>2</sup> Esta é uma parte de nosso trabalho que podemos chamar, à luz de Ortega, de uma *metafísica da tradição*. A ideia de tempo vital não é, portanto, a mesma do tempo cronológico ou linear, ou a matéria do tempo físico. O tempo vital está associado à história, portanto, à tradição, a um futuro, um porvir e a uma destinação. Enquanto a 'novidade física' produzida no tempo cronológico se liga ao tradicional ou vêm indexado à ortodoxia, [www.josepauloteixeira.com.br/breviarios](http://www.josepauloteixeira.com.br/breviarios)

## O CARÁTER ÚNICO E IRREDUTÍVEL DA VIDA HUMANA

Na fórmula emblemática de Ortega, a mais famosa de todas, o nosso filósofo distingue *vida humana* da mera vida, e se expressa na frase "eu sou eu e a minha circunstância; se não salvo a ela não salvo a mim".<sup>3</sup> Como observou Julián Marías, seu amigo e discípulo, esta constitui-se a *cifra desta intuição radical da vida humana*.<sup>4</sup>

### FIGURA



Ao distinguir a vida humana da vida biológica, Ortega, em sua *Meditações do Quixote*, se conecta e mira para a sua amada Espanha. E assim faz do Quixote o paradigma filosófico que aproxima realidade e ficção, circunstância e estância, por dois pares categóricos associados: Vida e Aventura; Vocação e Futurição. São as categorias axiais da sua filosofia da razão vital e histórica.

Toda a sua obra está inscrita nesta dupla equação - razão/intelecto vital e histórico, a mesma que integra e compõe, num só esforço, para mostrar ao leitor espanhol a sua concepção filosófica de "a ciência geral do amor". Isso ele fala no seu "Breve tratado da novela", precedido pelas "meditações preliminares" e um prólogo especialmente dedicado ao seu leitor, cujo título "Leitor...".<sup>5</sup>

Aqui devemos ressaltar aqueles dois pares temáticos axiais - onde se concentra toda fervura do real que faz a filosofia orteguiana entrar em orbita intercontinental ou intra-mares. O primeiro parzinho que destaco e aparece em sua primeira grande obra é o de Vida e Aventura; o segundo parzinho vai

<sup>3</sup> *Yo soy yo y mi circunstancia, y si no la salvo a ella no me salvo yo.*

<sup>4</sup> Marías, Julian. in: *Meditações do Quixote*, p. 24.

<sup>5</sup> Chama a atenção essa reverência que faz Ortega ao seu leitor, ao colocá-lo no centro de suas atenções. Pois ele mira um leitor muito distinto: seus irmãos espanhóis, seus compatriotas, a sua amada Espanha.

se destacar e marcar toda a sua trajetória, dentro e fora da Europa pelas categorias de Vocação e Futurição.<sup>6</sup>

Os tempos que ligam e separam umas das outras não podem ser lidas ou vistas, linearmente - ou como numa sequência de tempos - passado, presente e futuro -, mas em sua filosofia, elas se condensam num tempo vital, na sua futurição ou futuridade. Ao quebrar a sequência lógica ou a continuidade dos tempos, Ortega dá outra cadência ou ritmo à história, e faz a chave do tempo como chave e veículo da sua filosofia da razão vital e histórica.

Assim ritmadas, a futuridade da usina dos tempos aiônicos ou vitais diz a vida toda realizada no presente de vida que é a vida de cada ser humano e da humanidade inteira. A vida em sua futuridade e, por isso, não se separa o presente do passado, nem se deixa, por um instante, de projetar-se no futuro.

A *futurição*, a vida futura, seja pensada/vivida como existência ou como história, e se faz presente por nascimento e geração, se projeta para além da morte, pois a morte é parte da vida, sempre renascida no entrelace da genealogia temporal, histórica, não-linear, mas transversal, oblíqua, circunstanciada, como expressa na percepção fina e apurada, inovadora do modo de pensar orteguiano e de seus discípulos mais próximos. O exercício que se faz nestas orteguianas é conectar e reconectar essas categorias axiais com as meditações que formam e selam seu método e sua filosofia, por alguns chamada de razão histórica e vital e que denomino filosofia do amor intelectual e vital.

Por uma dupla conexão, seja entre as próprias categorias, que chamaremos de conexões conceituais interiores, e as conexões políticas ou exteriores, feitas pelo autor ao longo de sua conversação com os espanhóis e europeus e, na sequência, estas outras pelas quais nos aproximamos como leitores de Ortega de outras línguas, contextos, mundos e modos de vida, como a que buscamos fazer nas atuais circunstâncias brasileiras.

---

<sup>6</sup> Que nos escritos da poesia chamei de futuridade antes de me deparar com esta expressão genuinamente orteguiana. Tal como o filósofo, a uso para demarcar a diferença que se faz - e que faço desde minhas primeiras leituras filosóficas - entre tempo aiônico e vital, e o tempo cronológico ou linear.